

O RITUAL DE ĀKITU – O SIGNIFICADO POLÍTICO E IDEOLÓGICO DO ANO NOVO NA MESOPOTÂMIA

Francisco Caramelo

O festival de ākitu, que corresponde a zagmuk, «princípio do ano» em sumério¹, consiste num ritual de Ano Novo, tendo lugar no mês de nisannu, Março-Abril. A etimologia exacta de ākitu não é conhecida. As mais antigas referências literárias reportam-se a meados do III milénio a.C.

Podia ter lugar na Primavera e no Outono, correspondentes aos equinócios. Eram dois momentos importantes no calendário agrícola: nisannu correspondia à última irrigação e as colheitas começavam; o mês de tashritu, que correspondia a Setembro-Outubro, era o tempo em que se aravam os campos e em que se semeava.

Em Ur e em Uruk, o festival era celebrado duas vezes, em nisannu e em tashritu. Os primeiros ecos da celebração deste festival têm a sua origem em Ur, principal centro religioso de Nanna / Sin, deus ligado à passagem do tempo e à fertilidade dos campos. Na Babilónia, o Ano Novo era celebrado no início da Primavera, no mês de nisannu (Março / Abril), na primeira lua nova.

Programa da celebração

A duração do festival variava de cidade para cidade, eventualmente articulando-se com as celebrações relativas à divindade poliade, que era, afinal, o deus protagonista do rito.

¹ Pode estabelecer-se também a relação com Á.KI.TI, em sumério; cf. Francis Joannès (dir.), *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*, Paris, Robert Laffont, 2001, p. 20.

Durante os primeiros cinco dias, os ritos decorriam no Esagila, o templo de Marduk na Babilónia. Imperava uma atmosfera sombria. Os sacerdotes e as sacerdotisas cultivavam um ambiente de desolação, justificado pelas incertezas quanto ao futuro, algo que constituía uma idiossincrasia mesopotâmica – a inquietação quanto ao porvir. O povo participava activamente, entoando lamentações rituais. Alguns hinos religiosos reflectem esse sentimento religioso, essa invocação da piedade, pressupondo a relação íntima entre o deus e a cidade.

Na noite do quarto dia, o *Enuma elish* era recitado. É possível que a epopeia tenha chegado a ser representada e dramatizada – uma espécie de teatro ou drama religioso, adquirindo uma expressão misteriosa. A representação do mistério envolvia uma dimensão performativa. O rito reactualizava o mito do combate entre Marduk e Tiamat, que representava a dialéctica primordial e recorrente entre a ordem e o caos.

O quinto dia correspondia ao momento da expiação do rei, que se tornava protagonista do rito e do mistério. Pela manhã, o sumo-sacerdote pronunciava orações de apaziguamento e de penitência. O templo era purificado e os artesãos preparavam a capela de Nabu, o filho de Marduk, esperado por aquele.

Entretanto, o rei entrava no templo de Marduk. Era escoltado até à capela por sacerdotes e deixado só. O sumo-sacerdote saía do *sanctus sanctorum*, a área mais reservada do templo, onde se encontrava a estátua de Marduk. Tomava o ceptro do rei, a cimitarra, a coroa, o anel e depositava-os perante a estátua do deus. Depois, aproximava-se do rei, despojado dos seus símbolos, e golpeava a sua face, fazendo-o ajoelhar-se e pronunciar uma declaração de inocência.

A dimensão performativa do acto é, de novo, evidente. O rei e o sumo-sacerdote contracenam, representando um acto decisivo e pleno de significado. Aqui, o sumo-sacerdote representa Marduk e o rei expia as suas faltas. O sumo-sacerdote incita-o a ter confiança e garante-lhe que o deus escutará a sua prece. Fundamentalmente, está em causa a comunicação entre o deus e o seu eleito. Ao primeiro, corresponde uma lógica profética, de promessa, e ao segundo, a oração, que é a petição dirigida à divindade.

Com este acto, o rei penitenciava-se e confessava-se em seu nome e em nome da comunidade. Redimia-se a si e à comunidade que representava. Confirmando-se a reconciliação, o deus promovia a renovação do seu poder e da sua missão real.

No mundo exterior, o abandono de Marduk havia provocado a angústia. A natureza encontrava-se suspensa e o retorno ao *caos* primordial era uma possibilidade muito forte. Marduk estava cativo na montanha, dominado

pelo poder da morte. Esta leitura conferia uma dimensão cósmica e urgente ao drama religioso. O povo lamentava-se, talvez concentrando-se sobretudo em torno da zigurate, a E.TEMEN.AN.KI, que representava a montanha cósmica que ligava o céu e a terra e também o local onde estava cativo o deus.

A ausência e o cativo de Marduk suspenderam o mundo, mergulhando-o na obscuridade. A orfandade da cidade, Babilónia, exprimia-se pela angústia, pelas lamúrias do povo; mas era o próprio mundo que se encontrava ameaçado na sua ordem e no seu equilíbrio cósmico. Consequentemente, os deuses são convocados para participarem activamente neste combate.

A encabeçar essa pugna estava Nabu, filho de Marduk. Este entra triunfalmente na Babilónia, vindo de Borsippa. A estátua divina, acompanhada, decerto, por outros deuses, oriundos de outras cidades mesopotâmicas, chegava, transportada por barco ao longo do rio. Na procissão e no cortejo das imagens divinas, desde o rio até ao templo, o rei tomava um lugar importante e a esperança substituía o desespero.

É provável que também se observasse a representação mistérica desse combate, simbolizando a batalha contra os inimigos de Marduk. Nabu, auxiliado pelos outros deuses, liberta Marduk. É sobretudo a glíptica que ilustra este momento da narrativa.

O mito da descida de Ištar ao mundo subterrâneo cruza-se com esta narrativa. A deusa teria também um papel relevante a desempenhar na libertação de Marduk, supostamente cativo no reino de Ereshkigal. A libertação do deus, prisioneiro no reino dos mortos, significava a reabilitação da natureza, retomando-se a normalidade histórica e cósmica.

Após a libertação, culminar da vitória da ordem sobre o *caos*, os deuses, reunidos em assembleia, formalizam a renovação do poder de Marduk. Este episódio lembra, mais uma vez, o *Enuma elish* e o reconhecimento do deus patrono da Babilónia como o senhor e aquele que determina os destinos dos deuses e dos homens.

No nono dia do festival, tinha lugar a procissão triunfal para a bīt ākiti². O acto traduzia, provavelmente, a participação colectiva na vitória sobre o *caos* e a renovação da natureza. No décimo dia, Marduk celebrava a vitória com os deuses num banquete na bīt ākiti, regressando depois à Babilónia para o rito do casamento sagrado na mesma noite.

O casamento sagrado tinha lugar no templo. O rei assumia o papel de Marduk ou de DUMUZI e a sacerdotisa o de deusa, quase sempre INANNA /

² A bīt ākitu era uma capela que ficava no exterior das muralhas da cidade. Rodeada de jardins, seria um espaço importante na encenação do festival.

Ištar. É provável que, durante o festival de ākitu, o casamento sagrado tivesse lugar no Esagila. Este acontecia na sequência da restauração da ordem.

No décimo primeiro dia, decorria uma segunda assembleia divina e uma segunda determinação dos destinos. Os deuses, reunidos, determinavam, através de oráculos, a prosperidade do país. No décimo segundo dia, iniciava-se o regresso aos seus templos, encerrando-se assim o ciclo.

Em conclusão, podemos dizer que este festival constituía um ciclo ritual longo e complexo, apresentando duas dimensões complementares: uma privada e secreta e uma pública e colectiva. A primeira tinha lugar nos espaços reservados, como o templo ou a bīt ākiti, intervindo o rei e os sacerdotes; a segunda abrangia e envolvia a população da cidade, fazendo-a participar na renovação da ordem.

O complexo ritual sintetiza, por outro lado, alguns mitos importantes: 1) Descida de Ištar ao mundo subterrâneo; 2) *Enuma elish*; 3) Casamento sagrado. Trata-se de uma liturgia centrada no rei. O rei representa o todo e expia as faltas da comunidade, redimindo-a e salvando-a.

O ritual deve ser interpretado em diversas vertentes, ainda que complementares:

- 1) Dimensão cosmogónica (*Enuma elish*): a criação não é perene; o combate demiúrgico primordial terá que ser re-presentado ciclicamente.
- 2) Renovação da natureza; consciência da dinâmica e dos ciclos da natureza. Esta visão implica a ciclicidade do tempo. O Ano Novo marca um novo ciclo nos trabalhos agrícolas. A descida de Ištar ao mundo subterrâneo e a prisão de Marduk representam essa luta entre os opostos.
- 3) Sintonia entre o plano divino e o plano humano, representado pelo rei; esta é uma dimensão política, importante no processo de legitimação do rei.

Anualmente, o festival era encenado, assegurando a renovação da ordem e reafirmando o poder do rei, afirmando-se como um dos momentos mais importantes no calendário religioso da Mesopotâmia e concomitantemente como um aspecto fundamental na ideologia real.